

TEMPOS FEMININOS: PRÁTICAS DE CUIDADO, REPARAÇÃO E MEMÓRIA DAS MULHERES EM ABYA YALA

FEMININE TIMES: WOMEN'S PRACTICES OF CARE, REPAIR AND MEMORY IN ABYA YALA

TIEMPOS FEMENINOS: PRÁCTICAS DE CUIDADO, REPARACIÓN Y MEMORIA DE LAS MUJERES EN ABYA YALA

Regina Barbosa Ramos²⁸

Resumo

O presente artigo parte da ideia de que o cuidado constitui um dos primeiros marcos civilizatórios em oposição à percepção de que o progresso técnico e tecnológico é condição *sine qua non* para o entendimento de civilização. Propõe-se uma reflexão crítica acerca das temporalidades que organizam a história e seus valores. Em contraposição à noção de um *tempo masculino*, associado à aceleração, à produção e ao avanço tecnológico, investiga-se a construção e a desvalorização de um *tempo feminino*, historicamente vinculado ao cotidiano, à manutenção da vida e às práticas de cuidado e reparação. Busca-se evidenciar como mulheres transformam práticas frequentemente invisibilizadas e naturalizadas como femininas e domésticas em formas de resistência política e elaboração da memória, especificamente ubicadas na América Latina e no estudo dos artefatos têxteis produzidos nas ditaduras da segunda metade do século XX, tais como as *arpilleras* no Chile, a *cueca sola* – dança que é marcada pela ausência do par – e as rondas das *Madres de Plaza de Mayo*. Nesses contextos, o têxtil, o gesto repetido e o encontro coletivo operam como dispositivos de denúncia e de inscrição de narrativas que escapam aos registros oficiais. Argumenta-se, que o cuidado, não é uma característica naturalizada ou secundária, e constitui naqueles contextos uma prática

²⁸ Doutora e Mestre em Design pela Universidade Anhembi Morumbi, atualmente pesquisadora independente de temas que envolvem têxteis de resistência e políticas de cuidado. Docente do Programa de Pós-graduação em Direito na Moda da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mentora de Projetos na Escola Concept São Paulo, Cofundadora do Brasilis Collective, coletivo de Design e Sustentabilidade. reginabarbosaramos@gmail.com.

radical de enfrentamento ao apagamento. Ao insistir em evidenciar a presença (da ausência), demandar a memória e reparação, essas práticas reinscrevem o passado no presente e tensionam as lógicas de progresso que sustentam tanto a violência quanto o esquecimento.

Palavras-chave: Têxteis de Resistência; Cuidado, Memória, Reparação, América Latina

Abstract

This article is grounded in the idea that care constitutes one of the earliest markers of civilization, challenging the notion that technical and technological progress is a *sine qua non* condition for defining civilization. It proposes a critical reflection on the temporalities that organize history and its values. In contrast to the notion of a “masculine time,” associated with acceleration, production, and technological advancement, the article examines the construction and devaluation of a “feminine time,” historically linked to everyday life, the maintenance of life, and practices of care and repair. It seeks to demonstrate how women transform practices often rendered invisible and naturalized as feminine and domestic into forms of political resistance and memory-making. The analysis is situated in Latin America, focusing on textile artifacts produced during the dictatorships of the second half of the twentieth century, such as Chilean arpilleras, the *cueca sola* - a dance marked by the absence of a partner - and the weekly marches of the Madres de Plaza de Mayo. In these contexts, textiles, repetitive gestures, and collective gatherings function as devices of denunciation and as means of inscribing narratives that escape official records. The article argues that care is neither a naturalized nor secondary characteristic, but rather, in these contexts, a radical practice of resistance against erasure. By insisting on making presence (of absence) visible, demanding memory and reparation, these practices reinscribe the past in the present and challenge the logics of progress that sustain both violence and forgetting.

Keywords: Textiles of Resistance; Care; Memory; Repair; Latin America

Resumen

El presente artículo parte de la idea de que el cuidado constituye uno de los primeros hitos civilizatorios, en oposición a la percepción de que el progreso técnico y tecnológico es una condición *sine qua non* para definir la civilización. Se propone una reflexión crítica sobre las temporalidades que organizan la historia y sus valores. En contraposición a la noción de un “tiempo masculino”, asociado a la aceleración, la producción y el avance tecnológico, se examina la construcción y desvalorización de un “tiempo femenino”, históricamente vinculado a lo cotidiano, al sostenimiento de la vida y a las prácticas de cuidado y reparación. Se busca evidenciar cómo las mujeres transforman prácticas frecuentemente invisibilizadas y naturalizadas como femeninas y domésticas en formas de resistencia política y elaboración de la memoria. El análisis se sitúa en América Latina, a partir del estudio de artefactos textiles producidos durante las dictaduras de la segunda mitad del siglo XX, como las arpilleras chilenas, la *cueca sola*

- danza marcada por la ausencia de la pareja - y las rondas de las Madres de Plaza de Mayo. En estos contextos, lo textil, el gesto repetido y el encuentro colectivo operan como dispositivos de denuncia y de inscripción de narrativas que escapan a los registros oficiales. Se argumenta que el cuidado no es una característica naturalizada ni secundaria, sino que constituye, en estos contextos, una práctica radical de resistencia frente al borramiento. Al insistir en hacer visible la presencia (de la ausencia), demandar memoria y reparación, estas prácticas reinscriben el pasado en el presente y tensionan las lógicas de progreso que sostienen tanto la violencia como el olvido.

Palabras-clave: Textiles de Resistencia; Cuidado; Memoria; Reparación; Latinoamérica.

“El pasado está en el presente, pero no de cualquier manera.”

Silvia Rivera Cusicanqui

Introdução

O presente ensaio nasce das tensões entre as formas pelas quais a história é narrada e hierarquizada no que tange às práticas humanas e os seus tempos. Tomo cuidado, reparação e memória como norteadores, a fim de deslocar a mirada do paradigma de progresso, derivando naturalmente em aceleração e domínio técnico-tecnológico, para reconhecer a potência política de gestos cotidianos que historicamente são associados ao universo feminino. Busco interrogar os regimes de valor – não somente pelas lentes dos papéis de gênero – quanto ao que se preserva ou se esquece.

Adoto, como percurso metodológico, a articulação situada entre reflexão teórica, memória (pessoal e coletiva) e as práticas de produção coletiva de artefatos têxteis de resistência no contexto das violências políticas das ditaduras latino-americanas do século XX. O texto que se apresenta não tem a intenção de ser linear ou estritamente historiográfico. Ao contrário, é entretramado de maneira a tecer experiências, imagens, narrativas e referências como pontos de costura.

Elegi ilustrar o texto exclusivamente com imagens provenientes do Instagram, me utilizando de um critério metodológico e político, entendendo a referida rede social como um espaço de circulação das narrativas visuais contemporâneas, em que a agilidade comunicacional é oriunda da relativa ausência das burocracias editoriais convencionais e pela presumível, embora não garantida, espontaneidade dos registros, reconhecendo a vitalidade das práticas atuais de testemunho e a demanda por uma persistência histórica das questões que aqui abordo.

Considero a presença de tais narrativas em plataformas digitais como confirmação de que o problema do apagamento é um problema do presente e que, quando se pretende que a memória seja ativa, há que se fazer com as ferramentas que o contemporâneo apresenta – mesmo em lutas cinquentenárias. Tais imagens continuam em circulação como gestos de cuidado e denúncia, exigindo reparação e impedindo o desaparecimento completo das histórias em cuja permanência a insistência se faz necessária.

Um osso curado

Atribui-se a Margareth Mead²⁹ a afirmação de que o primeiro sinal de civilização em uma cultura antiga seria o encontro de restos mortais em que um fêmur tenha sido fraturado e curado. Não a ideação e confecção de artefatos ou o domínio de alguma matéria, mas o cuidado.

Afinal, comparativamente, entre os animais, uma fratura significa, na maior parte das vezes, a morte. A fratura e cura de um osso longo indicam que alguém permaneceu ao lado do indivíduo ferido, a fim de preservá-lo, alimentá-lo e protegê-lo até que pudesse dar conta de si.

E talvez esse indivíduo curado tenha sido portador de sequelas que o tornassem frágil pelo resto de sua existência. E, mesmo assim, alguém optou – por um motivo qualquer que nos falha – por cuidar. Comprometer-se. Reparar.

²⁹ Margareth Mead (1901-1978), antropóloga estadunidense foi um dos expoentes da escola culturalista norte-americana.

Ainda que nenhuma documentação comprove que o indivíduo cuidador tenha sido uma mulher, desde que se tem nota até o contemporâneo, se desenha o papel social do cuidado como uma obrigação feminina. Ou, ainda mais alarmante, como uma característica feminina (Figura 1).

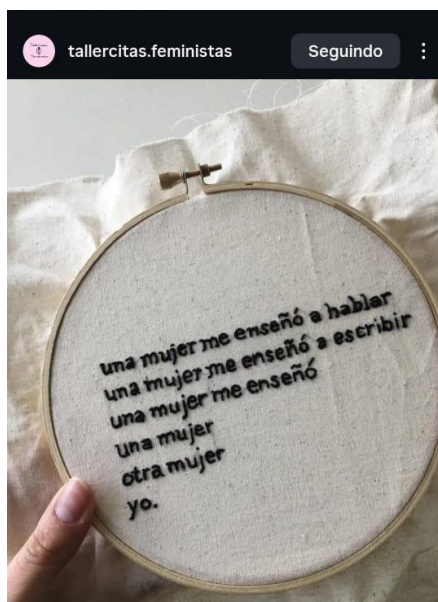


Figura 1- Bordado publicado no perfil do Instagram @tallercitasfeministas, com os dizeres “uma mulher me ensinou a falar/ uma mulher me ensinou a escrever/ uma mulher me ensinou/ uma mulher/ outra mulher/ eu.

Em outra mirada, não é curioso que se considere o cuidado – anônimo – como marco civilizatório?

Picos e Vales

Pensar nisso me leva a uma situação que eu hoje eu reconheço como meu “chá-revelação³⁰ de feminista”.

De antemão, quero deixar claro que nem penso na situação que vou descrever como tendo sido tremendamente desconfortável para mim, na verdade. Considero-a,

³⁰ Chá-revelação é um evento social contemporâneo muito popular em que se anuncia a familiares e pessoas do círculo social dos genitores o gênero de um bebê. Para o presente texto, adotou-se o termo de maneira irônica. (Nota da Autora)

como um todo, desconcertante. Eram fins dos anos 1990, e eu ainda era uma estudante hesitante da graduação em Arquitetura e Urbanismo.

O curso de Teoria da Arquitetura era um dos meus favoritos, embora eu não nutrisse grande simpatia pelo professor. Naquele dia, a discussão seria sobre um texto de Agamben ou Mircea Eliade – infelizmente não me recordo qual (e adoraria poder retomá-lo). Mas lembro claramente que o professor se esmerava em desenhar na lousa um gráfico, recurso incomum naquele componente curricular.

Ao final, percorreu sobre o texto e apontou para o gráfico, indicando os picos como *tempos masculinos* – aqueles em que os avanços tecnológicos teriam sido mais numerosos e, portanto, o progresso seria visível – e os vales como *tempos femininos*, de reclusão e retrocesso. Curiosamente, um sucedia o outro.

Um alerta soou na minha cabeça.

Sim, eu não era uma aluna particularmente dedicada, mas havia lido o texto, e o autor não dividia o tempo passado em ciclos de masculino e feminino. Também me incomodava ser plateia muda diante de uma demonstração que colocava a mim e às minhas sessenta colegas como pertencentes a uma subcategoria humana – menor, menos relevante – cuja produção seria sempre associada à das coisas desimportantes e, esquecíveis.

E, então, resolvi levantar a mão.

Usando da melhor maneira possível os recursos da comunicação feminina padrão da época – como percebido também por bell hooks (2021, p. 99) quando diz que “a assertividade feminina não era feminina” –, pedi desculpas pela interrupção e, timidamente, perguntei em que parte do texto o professor havia encontrado aqueles dados.

Talvez eu não tenha sido tímida o suficiente. Afinal, eu havia questionado.

Diante da minha pergunta, o professor se voltou para a minha direção e, sem respondê-la, disse mais para a turma do que para mim: “Ah! Temos aqui uma feminista!”

Até então, eu nunca teria me apresentado como feminista.

O professor repetiu o argumento, exagerando gestos e articulando lentamente as sílabas, como se a repetição suprisse a falta de resposta.

Mesmo com o rosto queimando pela exposição, me mantive tão firme quanto conseguia e, ao fim, reafirmei que não havia compreendido o argumento. Acrescentei que não entendia a associação entre tempos obscuros e tempos femininos, e que não havia encontrado nada no texto que sustentasse aquilo (Figura 2).

Não lembro bem como terminou. Ele foi, certamente, dispensivo.

Lembro de sair da sala com aquela palavra – *feminista* – ressoando não só nos meus ouvidos, mas como uma compreensão de corpo todo. Uma mente feminista, um corpo feminista, pensamentos feministas, e, a partir de então boca, língua, linguagem, verso e verbo feministas.

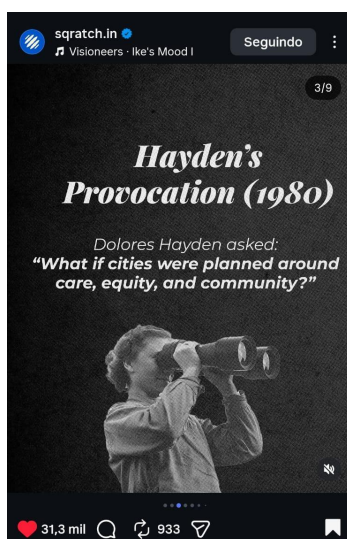


Figura 2. A provocação de Dolores Hayden questionando como uma cidade não-sexista se pareceria, publicado no perfil do Instagram @sqratch.in. São perguntas que teriam sido válidas em um curso superior de Arquitetura e Urbanismo, em um contexto não patriarcal.

Me percebi desde então, como encontrei em Gago (2020, p. 13), muitos anos depois, em “um processo de invenção, rupturas e, ao mesmo tempo de acumulação de

forças (...), algo que se atravessa e a partir do qual não se pode continuar tendo a mesma relação com as coisas e os outros”.

Sem arrependimentos e nem medo, só consciência.

A Naturalidade do Cuidado

Em todos aqueles picos de tempos tão masculinos, ágeis, velozes, progressistas e tão intensamente despreocupados com o tempo das coisas, estava circunscrito o tempo das máquinas, das engrenagens, das grandezas: grandes prédios, grandes navios, grandes aviões, grandes verdades, grandes disputas, grandes guerras.

É possível identificar tais associações no corpo do texto profundamente fascista do Manifesto Futurista³¹ (Marinetti, 1909), em que a mulher só pode ser associada à Amante ideal, à Rainha cruel ou à Morte inescapável, e todo o resto só pode ser performada pelos corajosos, dispostos a apagar toda a memória, dando fim aos museus e bibliotecas, e aos centros em que se constrói o conhecimento, como descrito no décimo item do Manifesto: “Nós queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda vileza oportunista e utilitária”.

Em contrapartida, em todos os pequenos tempos do feminino: o cotidiano, o imenso trabalho mínimo de manter a vida em andamento em um silêncio abafado. A reconstrução. A invenção de como fazer muito com muito pouco: com o que resta do que já não existe.

A resistência às violências. A insistência em existir.

O tempo dos reparos, dos fios que remendam roupas e alinham pedaços das histórias contadas, das reuniões em torno do amor e da dor, da solidão, do cuidado (Figura 3).

³¹ Para a íntegra, acessar: <https://colegiodearquitetos.com.br/wp-content/uploads/2017/04/futurismo.pdf>. Acesso em: 21/04/2026.



Figura 3. Publicado em @soy.anitaq no Instagram, em que o *pañuelo* das *Madres de Plaza de Mayo* é ponte entre o feminino e a resistência.

Da insistência em existir: resistir

Aquele episódio – o da aula – revelou o quanto os argumentos sobre a naturalidade dos papéis femininos são precariamente construídos, com a mesma fragilidade com que hierarquias são criadas para deslegitimar práticas associadas ao cuidado, à manutenção e à permanência.

Gostaria de dizer que fui naturalmente levada a pesquisar a atuação das mulheres nos discursos micropolíticos têxteis, mas não há nada de natural ou casual quando esse papel é construído para parecer desimportante ao ponto da invisibilidade.

Cheryl Buckley, em *Feito no Patriarcado*, de 1986, evidencia que, no patriarcado:

... as atividades dos homens têm mais valor que as das mulheres. (...) Numa sociedade industrial avançada, em que se considera a cultura acima da natureza, os papéis masculinos são vistos como mais culturais que naturais, e os papéis femininos são vistos como o contrário disso. Como consequência de sua capacidade biológica para reproduzir e de sua função de dedicação e cuidado com a família no contexto do patriarcado, as mulheres são vistas como próximas da natureza.” (BUCKLEY, 2025, p. 41)

Há ainda menos casualidade quando mulheres se utilizam dessa invisibilidade e das práticas domesticadas como forma de denúncia.

Foi assim que fui ao encontro das práticas têxteis de resistência, que geraram – e ainda geram – artefatos inesperados de combate.

Tenho me dedicado, desde meados da década de 2010, à investigação dessas práticas, especialmente no contexto das ditaduras latino-americanas da segunda metade do século XX.

As Mais Comuns das Mulheres

As práticas que compartilho não foram performadas por artistas renomados, nem organizadas sob um programa. Na maior parte dos relatos, os artefatos nascem na confluência do desespero e desamparo. Mas, para quem entende que “é preciso uma vila para criar uma criança”³², torna-se tão evidente que “lutar juntas é mais simples”³³ quanto que, “se o Estado não cuida, quem cuida são as amigas”³⁴.

Vale o parêntese de que a frase acima foi citada do informe: *El Estado no me cuida, me cuidan mis amigas*: prácticas de cuidado que han creado las personas trans ante la ausencia estatal*, de autoria de Arlen Molina, em uma investigação da *Liga de Salud Trans*. É o resultado de uma pesquisa realizada pela Liga na Colômbia para encontrar organizações trans naquele país e entender um dos propósitos comuns: o desejo de preservar vidas e corpos trans.

³² Ditado de origem africana que enfatiza a responsabilidade coletiva na educação e consequente permanência de uma comunidade. (Nota da Autora).

³³ “*Luchar en grupo es mucho más sencillo. En soledad no hubiéramos podido conseguir nada*”, como dito por Estela de Carlotto, fundadora e presidente da *Asociación Civil Abuelas de Plaza de Mayo*. (FINK e SAA, 2018).

³⁴ Para mais:
<<https://volcanicas.com/el-estado-no-me-cuida-me-cuidan-mis-amigas-ante-la-ausencia-estatal-cuidados-trans/>>. Acesso em: 21/04/2026.

A frase reverbera para mim também no cuidado entre mulheres, que têm descoberto que é necessário criar uma rede e contar umas com as outras para a manutenção da própria existência.

Retomando, enfim, o trajeto que descrevo, o primeiro exemplo do qual me acerquei foi o das mulheres chilenas durante a ditadura cívico-militar que vitimou aquele país e o seu povo. Aquelas mulheres se encontravam nas igrejas buscando amparo e respostas para perguntas que o Estado se recusava a ouvir – quanto mais responder. Na ausência de seus parceiros e filhos, enfrentando todo tipo de dificuldade e o peso social de estar associadas a alguém considerado inimigo do regime, essas mulheres encontravam-se umas às outras (Figura 4).



Figura 4. Publicado no Instagram no perfil @museodelamemoria, mostrando uma *arpillerera* chilena como exemplar de artefato diretamente relacionado à Memória e aos Direitos Humanos.

Ali, aprendiam a produzir narrativas têxteis a partir de uma técnica já presente em sua cultura, a *arpillería*. No Chile, *arpillera* é tanto o suporte (a juta ou a aniagem da sacaria dos víveres), quanto o produto: peças bordadas com retalhos e pontos visíveis que retratam o cotidiano.

De origem, mostravam paisagens, animais, estações, a vida campesina. Mas o que acontece quando o cotidiano é brutalmente interrompido? Quem continua bordando

casais dançando a *cueca*, os Andes, os frutos, os povoados, quando já não há com quem dançar?

As histórias que não podem ser ditas e que os jornais não ousam publicar ganham forma e cor nas mãos de mulheres comuns, muitas das quais já não conseguem falar, porque a dor excede a linguagem.

“The art of the arpilleras is one of dedication, precision and time, and it is sometimes painful to produce. It was driven (...) by a need to relate a story. (...) in these communities of cloth, scissors and needles, women poured their stories into the cloths.” (BACIC, 2014, p. 67)³⁵

Os encontros para fazer *arpilleras* tinham o intuito inicial de dar às mulheres meios de sustentar suas famílias, ao propiciar o espaço e os materiais para produzir peças que pudessem ser comercializadas como artesanato local. Mas a produção rapidamente deixa de mostrar o condor como símbolo de liberdade, para tê-lo pairando como sombra ameaçadora. Os Andes deixam de ser uma barreira protetora e de identidade e passam a ser sepultura.

Aquelas *arpilleras* não podiam permanecer no país. Encontravam redes que as levavam para além dos Andes, sobretudo para a Europa, onde essas histórias podiam circular. É essa circulação que impede o apagamento completo e contam que existem naquele país ao menos 3.000 desaparecidos, cerca de 40.000 presos e torturados, mais de 200.000 exilados.

Ainda que eu prefira evitar os números, reconheço sua função. Minha rejeição vem da percepção de que enumerar desumaniza – os números não têm rosto, não assobiam no banho, não beijam suas mães no alto da cabeça na esperança de que elas ignorem o cheiro do cigarro – mas tenho consciência que ordens de grandeza também impedem o desaparecimento total.

³⁵“A arte das *arpilleras* é uma arte de dedicação, precisão e tempo, e às vezes é dolorosa de produzir. Foi impulsionada [...] pela necessidade de narrar uma história. [...] nessas comunidades de tecido, tesouras e agulhas, as mulheres derramaram suas histórias sobre os retalhos (Tradução da Autora).

Também para impedir o apagamento total, surgem práticas que evidenciam as ausências, como a *cueca sola* (Figura 5), em que as mulheres dançam sozinhas, com os tradicionais lenços nas mãos, mas sem o par para segurar a outra ponta.

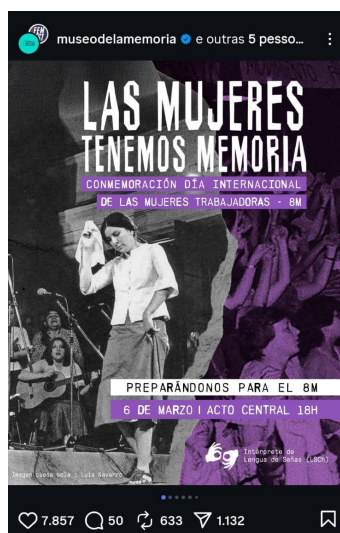


Figura 5. Na publicação do perfil @museodelamemoria no Instagram, a *Cueca Sola* é escolhida para ilustrar que *As Mulheres Temos Memória* na celebração do dia das Mulheres Trabalhadoras.

No país vizinho, do outro lado da cordilheira, outras mulheres também usam lenços para evidenciar a falta de alguém. Ocupam o espaço público cobrindo a cabeça com fraldas de pano à guisa de lenços e caminham aos pares, em círculos, semana após semana, nos últimos 50 anos. As *Madres de Plaza de Mayo* transformam o gesto repetido em presença política. Reivindicam o irrecuperável: os filhos que não voltam, os netos sequestrados, as vidas interrompidas (Figura 6).



Figura 6. Publicação do perfil do Instagram @evaenvivo, celebrando o dia 30 de abril de 1977, os 49 anos da luta das *Madres de Plaza de Mayo*.

Como se restitui uma geração que se tentou apagar?

São essas mulheres, ao mesmo tempo mães em coletivo de uma geração que se tentou apagar e filhas-mães da Praça que palmilham semanalmente, e que se reconhecem também como as mais comuns das mulheres, as que transformam o cuidado em ação política.

Elas escolhem lutar juntas, porque é mais simples, encontram meios de estar reunidas em público sob o olhar do Estado que tomou delas a paz e o direito de se ter preocupações *de mãe*. Elas ocupam o espaço (Figuras 7 e 8), insistem na memória e recusam o silêncio.



Figuras 7 e 8. Publicação sobre os 49 anos da Associação das *Madres de Plaza de Mayo* e sua marcha semanal, no perfil do Instagram @madresdeplazademayo.

Se o desaparecimento suspende a vida, o cuidado insiste em retomá-la:

Essa referência à vida não é abstrata, mas vinculada aos espaços, aos tempos, aos corpos e às combinações concretas em que essa vida se desenvolve, se torna possível, digna, visível. (GAGO, 2020, p. 109)

O cuidado das mães argentinas se torna cicatriz visível, inclusive no corpo das cidades. No caso argentino, o *pañuelo* está em todo lugar, gravado no piso da *Plaza de Mayo*, nas paredes e nas calçadas em *grafitti*, não raro acompanhadas de duas palavras: *Nunca Más* (Figura 9). As mesmas palavras que já eram ditas antes de serem eternizadas no discurso de encerramento da acusação que condenou os agentes maiores da ditadura à prisão e a jamais terem suas ações criminosas esquecidas.



Figura 9. A despeito das ordens dos governantes de direita, opostos às lutas das *Madres*, o povo não permite que a memória seja apagada, como publicado por @pagina12 no Instagram.

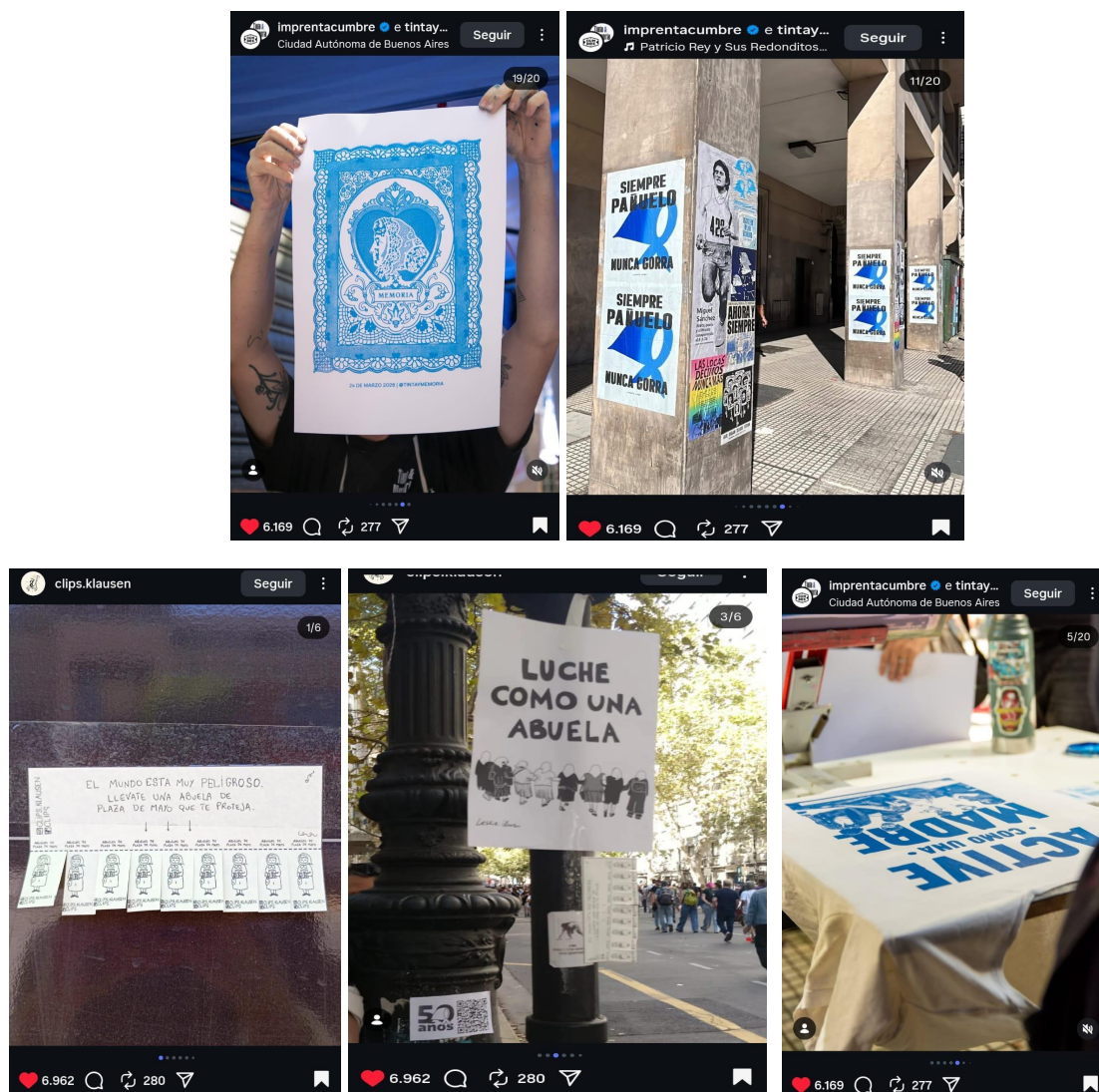
Os *pañuelos* também carregam marcas³⁶, o bordado em ponto cruz no azul celeste da bandeira argentina, exigindo a restituição com vida dos detidos-desaparecidos. Cinquenta anos depois, mesmo sabendo da impossibilidade de serem atendidas, as Madres não são apenas elas, são uma ubiquação: corpos que já vão se ausentando mas são representados em um território e que continuam pedindo por reparação (Figuras 10, 11, 12, 13 e 14). Restituição, resposta, mas nunca um encerramento. Porque as lutas não diminuem, elas só se desdobram³⁷, afinal:

O corpo-território possibilita o desacato, a confrontação e a invenção de outros modos de vida, e isso implica que nessas lutas se visibilizem saberes do corpo em seu devir território e, ao mesmo tempo, o indeterminem, porque não sabemos do que é capaz um corpo-território. Por essa razão, corpo-território é uma ideia-força que surge de certas lutas, mas que possui a

³⁶ Nos interiores do Brasil, chama-se marcar o ato de bordar em ponto cruz, o ponto escolhido para bordar os *pañuelos* argentinos. Ignoro se na Argentina tem o mesmo nome, mas, mesmo pouco afeita ao acaso, considero digno de nota a associação (Nota da Autora).

³⁷ As *Madres* e as *Abuelas* são também as matronas das lutas por toda sorte de direito humano, estando associadas especialmente aos *pañuelos verdes*, símbolo da luta pelos direitos reprodutivos, especialmente pelo direito ao aborto legal, seguro e gratuito (Nota da Autora).

potência de migrar, ressoar e compor outros territórios e outras lutas.
(GAGO, 2020, p. 110)



Figuras 10, 11, 12, 13 e 14 : Publicados nos perfis @clips.klausen e @imprentacumbre no Instagram, exemplos de como os pañuelos fazem sua marca sobre a superfície e o cotidiano da cidade.

Nessa construção de narrativa, podemos fazer uma analogia entre os pontos das costuras nas *arpilleras* e dos bordados nos *pañuelos* e uma sutura que não se apaga, o remendo permanece visível. O bordado conta não apenas o que foi perdido, mas como se continua vivendo.

Permanências

São esses pontos – pequenos, repetidos, insistentes – que se contrapõem ao que o tempo masculino convencionou chamar de progresso. Um progresso que acelera, que produz mais do que se pode consumir, que exige descarte constante, que empobrece não apenas economicamente, mas também sensorialmente.

Um mundo que cria desejos com prazo de validade.

Há espaço para o que se descarta? Porque as coisas não somem simplesmente, assim como as pessoas não desaparecem para o nada. E o que fazemos com o que descartamos? Para onde vão as coisas que não permanecem?

E se, ao invés disso, as coisas ficassem?

Se, ao invés de comprar mais uma peça, lidássemos com as manchas, os descosturados, as golas gastas daquilo que já temos? Se reconhecêssemos nas roupas não apenas seu valor de uso ou troca, mas sua permanência como gesto político?

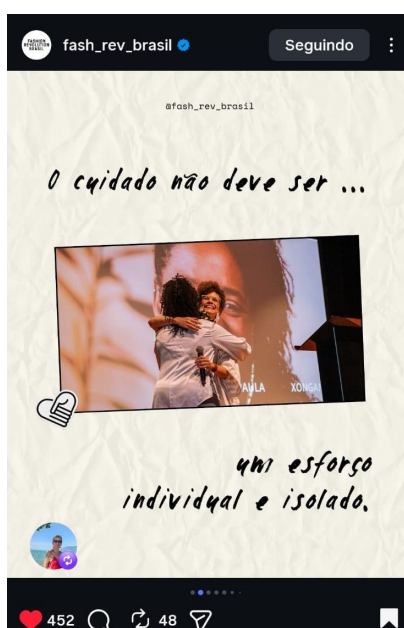


Figura 15: Repensar as relações de troca e centralizar o cuidado como um esforço coletivo.

Publicado no perfil @fash_rev_brasil do Instagram.

Se retomássemos práticas mais lentas – as rodas de costura, os trabalhos de agulha, os encontros em que o tempo é suspenso e o cuidado circula? Os tempos de troca, de aprender umas com as outras, do saber fazer, a invenção do cotidiano, não pela regra, mas pela descoberta de que juntas é mais simples?

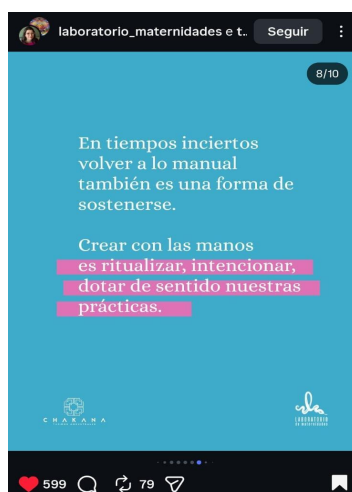


Figura 16: Sobre a retomada da consciência do fazer manual como potencializador da percepção de si como ser criador. Publicado no perfil @laboratorio_maternidades do Instagram.

Se cada trapo pudesse voltar a compor um todo?

Talvez o que essas mulheres nos ensinam nas *arpilleras*, na *cueca* dançada mesmo na ausência do par, nas rondas incessantes das praças é que reparar não é apenas consertar o que foi quebrado.

É recusar o desaparecimento e insistir na presença, fazendo do cuidado, nesse tempo que urge em ser feminino, outra vez um marco civilizatório.

Arremates

Os artefatos e práticas que aqui apresento, sejam as *arpilleras* do Chile, os *pañuelos* das *Madres de Plaza de Mayo*, a *cueca* sola ou o reparo visível, confirmam o cuidado como algo a ser revisitado e compreendido como atributo não naturalizado, tampouco da esfera íntima ou secundário, mas como tecnologia social de sobrevivência,

elaboração simbólica e resistência política, em que o cuidado se insurge para manter viva a memória, os vínculos e a presença dos ausentes.

Ao longo deste ensaio, busquei demonstrar que aquilo que foi costumeira e convenientemente associado ao *tempo feminino* – a lentidão, a repetição, a manutenção, o trabalho invisível – carrega uma potência crítica capaz de confrontar os modelos hegemônicos de progresso.

Se o chamado *tempo masculino* se construiu sobre a valorização da velocidade, da conquista e da ruptura, as práticas femininas de cuidado e reparação propõem a lógica da temporalidade, da permanência, da escuta e da reconstrução, deslocando os critérios pelos quais reconhecemos o que sustenta a vida coletiva.

Nos casos apresentados, a insistência dessas mulheres em bordar, marchar, dançar e reunir-se constitui uma pedagogia da memória. Seus gestos recusam o desaparecimento como destino e transformam a ausência em presença e permanência públicas. Ao fazê-lo, produzem narrativas que escapam aos registros oficiais e desafiam a pretensão de encerramento histórico. Assim, transforma a memória em matéria viva permanentemente reativada, fugindo ao estigma da história/memória como arquivo estático.

Retomar essas experiências no presente também implica reconhecer que as formas de apagamento persistem, sob os contornos dados pelo descarte, pela obsolescência e pela aceleração. Oferece-se como resistência o reparo – de tecidos, histórias, relações e comunidades – como um gesto radical que resiste à lógica que transforma nossos objetos, corpos e afetos³⁸ em itens sujeitos à substituição.

Se considerarmos o primeiro marco civilizatório como um osso curado, talvez possamos nos desafiar a reconhecer como fundamento para uma outra ideia de civilização as práticas do cuidado e da memória. Nessa proposta, a civilização não é parametrizada pela grandiosidade de suas máquinas e pela tecnologia de ponta, mas pela capacidade de sustentar a vida, enfrentar o esquecimento e permanecer junto ao que foi

³⁸ A despeito do desgaste do termo *afeto* no contemporâneo, no contexto dessa escrita, afeto deve ser compreendido como aquilo que afeta e é afetado pela vida e pelas escolhas dos sujeitos implicados nas situações elencadas (Nota da Autora).

ferido. Nesse sentido, os tempos femininos não pertencem ao passado nem constituem um intervalo entre grandes feitos: eles seguem pulsando como condição de continuidade e possibilidade de futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACIC, Roberta. *The Art of Resistance, Memory, and Testimony in Political Arpilleras*. Em: AGOSÍN, Marjorie (org.). *Stitching Resistance, women, creativity, and Fiber Arts*. Kent: Solis Press, 2014. p. 65-71.

BUCKLEY, Cheryl. *Design no Patriarcado*. Tradução: Mariana Delfini. São Paulo: Clube do Livro do Design : Bikini Books, 2025.

FINK, Nadia; SAA, Pitu. *Antiprincesas de Plaza de Mayo (para chicas y chicos)*. Buenos Aires: Chirimbote, 2018.

GAGO, Verónica. *A Potência Feminista, ou o desejo de transformar tudo*. Tradução: Igor Peres. São Paulo: Elefante, 2020.

HOOKS, bell. *Tudo Sobre o Amor, novas perspectivas*. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

MARINETTI, Filippo Tommaso. *Fundação e Manifesto Futurista*. Disponível em: <<https://colegiodearquitetos.com.br/wp-content/uploads/2017/04/futurismo.pdf>>. Acesso em: 21/04/2026.

MOLINA, Arlen. *El Estado no me cuida, me cuidan mis amigas*: prácticas de cuidado que han creado las personas trans ante la ausencia estatal*. Disponível em: <<https://volcanicas.com/el-estado-no-me-cuida-me-cuidan-mis-amigas-ante-la-ausencia-estatal-cuidados-trans/>>. Acesso em: 21 /04/2026.